



*“Sou um Padre feliz”*

*Padre Queirós, sacerdote há 46 anos, natural de Fragoso, concelho de Barcelos, espalhou a Palavra de Deus por vários pontos do País e fora dele: passando por Barrocelas, Espanha, Lisboa, Barreiro, Feira, Angola, Viseu... Tendo também exercido variadas funções na Comunidade Passionista. Neste momento encontra-se em Santa Maria da Feira, neste Seminário, desde 2006.*

*Na nossa entrevista, o carinho e dedicação com que descreve a sua vocação, expressa a sua felicidade e entrega a Deus! Fazendo referência à suas palavras « Sou um Padre feliz!»*

*As dificuldades de outrora e as angústias de hoje, são transmitidas pelo P. Queirós como ensinamentos e aprendizagens. Por estas e outras razões, não podemos deixar de sublinhar a delícia que foi, para nós, concretizar esta entrevista em jeito de conversa, e a motivação que nos transmitiu através das suas palavras. Deixou-nos, sem dúvida, um testemunho ímpar de Fé e de proximidade a Deus e à Comunidade.*

*É com todo o prazer que partilhamos, neste site, a entrevista realizada*

### **Como começou a sentir o nascimento da vocação de padre?**

Tudo tem um princípio. Nasci numa família cristã onde se rezava diariamente e se participava nas eucaristias dominicais. Os pais eram exemplo de vida cristã. A catequese sempre me fascinou. É verdade que sabia o catecismo de lés-a-lés, mas, sinceramente, não sabia muito bem aquilo que dizia. Era tudo decorado ao ponto de até dizer palavras mais ou menos parecidas, mas que na realidade nada tinham a ver com a pergunta formulada. Pobre de mim se ficasse por ali!

Apesar de tudo isso existia dentro de mim uma vontade de imitar o Pároco da minha freguesia e, balbuciando uma que outra palavra (sabe Deus o que seria, pois era em latim) e, em altar improvisado, queria fazer algo parecido a uma missa. São coisas de criança, é verdade. Mas no meio de tudo isto não estaria um Deus que me ia conduzindo para Ele? Creio que sim.

Veio a proposta e lá vou eu a caminho do Seminário de Barrocelas. A minha resposta ao princípio estava condicionada à ida ou não de um meu colega e amigo de escola para o mesmo Seminário. Mas um pouco mais tarde, recordo perfeitamente e sei onde foi, disse para comigo: «quer ele vá ou não, eu vou».

A caminhada não foi linear. Há sempre altos e baixos. Há momentos em que o sol brilha, mas outros mais cinzentos nos fazem vacilar. Tudo se foi superando com a ajuda de pessoas extraordinárias. «Não tenha medo, irmão», era a palavra de alento que recebia. Lembre-se, dizia-me um sacerdote, se Deus o chamou, e creio que sim, dar-lhe-à a força necessária para superar todas as dificuldades. E assim sucedeu.

Hoje posso dizer que sou um padre feliz. Ao dizer isto, nada de especial estou a afirmar. Quem procura responder ao apelo que sente dentro de si é feliz. Tudo se torna fácil .

Mais tarde, muita mais tarde, pude constatar que a minha família era de verdade uma família sacerdotal. Qual não foi o meu espanto quando, no dia da primeira missa na minha terra natal, o meu avó, falando na altura dos brindes, fez a afirmação de que eu, seu neto, seria o 22º ou 23º padre da família. Não sabia, mas gostei de saber. Quando mais tarde lhe perguntei se aquela afirmação era mesmo verdadeira, ele respondeu-me que sim. Presentemente somos três sacerdotes (1 neto e 2 bisnetos)

### **Que mensagem gostaria de passar enquanto Padre?**

Que vale a pena servir o Senhor. É convicção profunda de que quando verdadeiramente descobrimos o rosto materno/paterno de Deus a nossa vida é completamente preenchida e sentimos enorme alegria no exercício do nosso ministério. Não é um peso, é uma felicidade. Tenho dito e reafirmo-o de que sou, como sacerdote, um privilegiado por poder partilhar a minha fé cristã com tantos e tantos irmãos e irmãs. Custa-me ver o rosto triste de muita gente que partilha a mesma fé. Como é possível, no serviço do Senhor, viver assim tão abatido, tão desanimado, sem esperança num amanhã melhor. A essa gente quero dizer-lhes que um cristão triste é um triste cristão. Falo daqueles que permanentemente vivem nesse abatimento, não daqueles que têm e temos momentos de maior fragilidade e, conseqüentemente, de um certo desânimo, porque a vida se complica por vezes.

Poder anunciar as maravilhas de Deus, o grande amor de Deus para conosco cuja expressão suprema se manifesta em Jesus Cristo crucificado-ressuscitado, como nos enche de felicidade. Eu sei que tenho uma mensagem a transmitir, não minha mas aquela que o Senhor me confiou como sacerdote e membro de um Instituto Religioso (os Passionistas).

Gostaria de dizer, sobretudo aos jovens, que não tenham medo. O Senhor que nos chama é também o Senhor que nos dá a força e a capacidade para a resposta generosa. «Não tenhas medo, estou contigo». Eu sei também que tu nos queres ver pessoas alegres, atenciosas, delicadas, felizes no nosso ministério. E tens toda a razão. Como pode ser chamariz qualquer género de vida quando as pessoas se mostram mal-humoradas e parecem arrastar um peso insuportável... Naturalmente que esse género de vida não é convidativo.

Gostaria de partilhar algo que pretende exemplificar um pouco tudo isto. Em certa ocasião encontrando-me eu numa das nossas comunidades ouvi comentar o seguinte: há aqui um senhor que gosta muito de participar na eucaristia presidida por determinado sacerdote. Fica triste quando, vindo à celebração, não é aquele sacerdote de que ele gosta muito. Ora sucedeu que esse mesmo sacerdote encontrando-se um dia com um senhor na sacristia este lhe confidenciou: certamente o senhor padre já ouviu falar de mim e de como eu gosto de o ouvir quando preside às eucaristias. Pois, esse senhor, sou eu. Sabe, disse ele, é que o senhor padre, «nasceu mesmo para isto». É bom ouvir uma coisa dessas, não é verdade?

### **A Igreja também foi evoluindo, isso denota-se até na catequese?**

Naturalmente que as coisas vão evoluindo na forma de entender e compreender determinadas verdades já bem consignadas nas Escrituras. O que me pergunto muitas vezes é de como é possível que, verdades tão

claras, sobretudo no Evangelho, foram tão esquecidas e, pior ainda, com uma interpretação em nada fiel à Palavra revelada e vivenciada em Jesus. Daí o apresentar um Deus altivo, castigador, grande senhor, dominador, muito pouco compreensivo com as debilidades e fraquezas humanas. Que estímulos poderia oferecer esta visão de Deus? Que imagem de Deus foi apreendida por tanta e tanta gente de Igreja na altura da catequese? Talvez uma imagem mais assustadora e, conseqüentemente, mais marcada pelo temor do que pelo amor. Não assustemos as crianças «deixai-as vir a Mim...»

Felizmente as coisas estão tomando novo rumo. Ainda bem.

### **Já viveu momentos de felicidade e alguns momentos de angústia, como foi o seu percurso de vida?**

Não somos diferentes do comum dos mortais. Como sempre na vida há momentos de tudo. Sentir, por vezes, certo desânimo é normal. Faz parte de uma caminhada. O sol nem sempre brilha como desejaríamos. Há nuvens que se interpõem e ofuscam o astro rei. No entanto, ele continua sempre a brilhar.

Nos momentos mais conturbados importa não esquecer que «Jesus Cristo, o Sol nascente» brilha sempre com o seu esplendor e diz-nos «não temas, Eu estou contigo».

Dizer que na caminhada sacerdotal e já na vida de sacerdote tudo correu sobre rodas, seria querer enganar-me e enganar-vos. Uma coisa, porém, é certa: com a Sua ajuda tudo se superou. E depois de certa turbulência, a calma regressou e o barco vai deslizando rumo ao porto desejado.

### **Como é sacerdote no Seminário Passionistas está muito ligado às Missões, à ajuda ao outro!**

As Congregações Religiosas e Missionárias nasceram, todas elas, de um grito chegado da sociedade. Esse grito foi acolhido por alguém, são os Fundadores ou Fundadoras. Estes responderam ao apelo do Espírito e reuniram companheiros para dar resposta a essas interpelações. A Igreja aprovou seus Estatutos (Constituições) dizendo-lhes: sede fiéis àquilo que o Espírito Santo vos pede através do vosso Fundador (a).

Assim que o espírito missionários está presente em todos os Institutos de forma mais ou menos explícita. A resposta dada ao Senhor nunca é para nos fecharmos no nosso mundo mas para nos abirmos às dimensões do mundo. Não se responde ao Senhor, fechando-se. Quando chama é sempre para uma missão.

São Paulo da Cruz, nosso Fundador, discernindo os males do seu tempo, proclamou com insistência a Paixão de Jesus. Reúne companheiros para viverem e anunciarem o Evangelho de Cristo aos homens, sobretudo aos crucificados de hoje.

Esse apelos chegam-nos de todos os lados. Nem a todos podemos responder. A Congregação vai dando respostas segundo suas possibilidades. Nós, Passionistas em Portugal, estamos muito empenhados numa presença, cada vez mais sólida, em Angola.

Ali como aqui há gente que sofre. Junto deles teremos de estar. Para que serve a vida se não é para a doarmos?

### **Que experiências ficaram desta sua preparação e do seu percurso?**

A caminhada, como disse atrás, não foi fácil. A experiência vivida no Noviciado (período em que se deixam os estudos oficiais para nos centrarmos naquilo que é a Congregação e aquilo que nos pede) não foi, porque não era, humanamente falando, nada fácil. Senão vejamos:

«todas as noites levantávamo-nos por volta da 1 hora da manhã para a recitação do Ofício de Leitura e algum tempo de meditação, voltando depois ao nosso descanso. O pior no meio de tudo isto era que os pés descalços (andávamos de sandálias), devido a baixas temperaturas que se faziam sentir, arrefeciam de tal maneira que nem pregavas olho até de manhã. E eu perguntava-me: «Zé, esta vai ser a tua vida». E nada disso me desanimava! Como me sentia feliz quando, nas noites das grandes festas, entoávamos aquelas melodias maravilhosas que enchiam o coração e faziam sorrir os lábios!.»

É certo que muita coisa mudou desde então. Os tempos são outros e as exigências também. Mas tanto naquela altura (de noviço e de estudante professo), como hoje, a alegria no serviço do Senhor é idêntica para não dizer cada vez mais acentuada.

Ordenado sacerdote em 1964, em Braga, tenho-me dedicado ao anúncio da Palavra de Deus e à vida em comunidade religiosa.

A experiência de todo este percurso é de que vale a pena dedicar-se ao serviço de Deus na Vida Religiosa, Missionária e Sacerdotal. Apesar de todas as contrariedades, de momentos altos e baixos, a vida de consagrado ao Senhor é de uma felicidade que se sente, se vive e se expande com naturalidade.

Os servidores do Senhor deverão fazê-lo com alegria. «Servi o Senhor com alegria».

Desculpem a simplicidade e a naturalidade destas coisas que convosco partilhei e creiam que é isto mesmo o que eu sinto e procuro viver. «Sou um religioso, missionário e padre feliz»